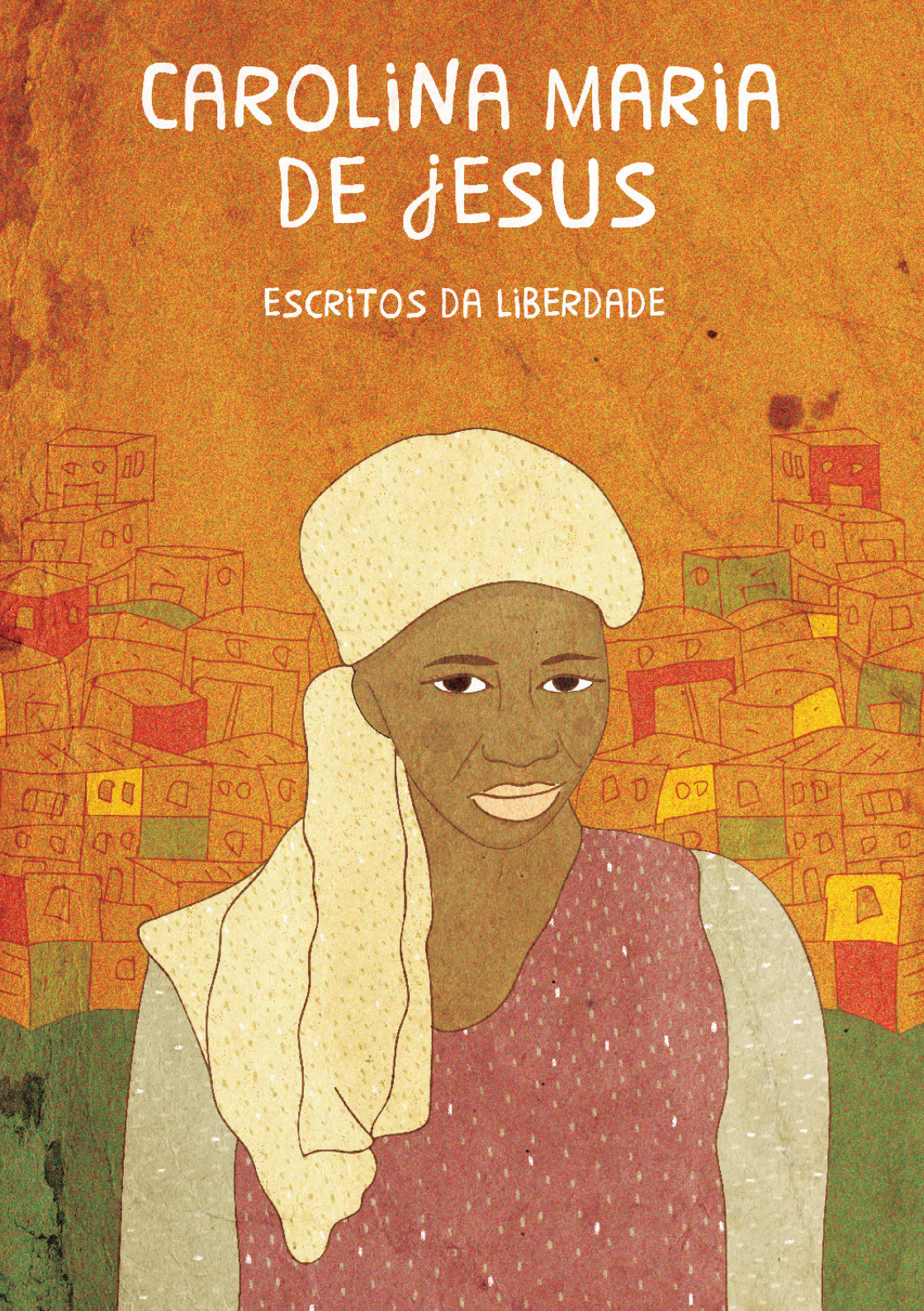
# CAROLINA MARIA DE JESUS

## ESCRITOS DA LIBERDADE



# Carolina Maria de Jesus: escritos da liberdade

*Ás mulheres negras que há séculos nos ensinam a semear resistência.*

## I) O nascer de Bitita

Carolina Maria de Jesus, mineira de Sacramento, nasceu em 1914 numa família composta por trabalhadores (as) rurais, neta de avós escravizados (as), de origem banto[1]. Nasceu num país que se estruturou com séculos de escravidão e dentre os seus tantos legados dolorosos, encontra-se a fome. A fome, tema presente na vida e na narrativa de Carolina de Jesus foi o tema pelo qual ela ficou conhecida, não pelo tema em si, mas muitas vezes, como uma estratégia da intelectualidade e da mídia da época para minimizar sua produção literária. Sua escrita interpelava o jeito de fazer literatura no Brasil, e sobretudo, quem fazia literatura no Brasil. Nos anos próximos ao seu nascimento, muitos movimentos levantaram-se contra esse problema da fome que Carolina Maria de Jesus chamaria, muitos anos depois, de escravidão moderna. [2]

---

**1** Carolina conviveu com muitas culturas que confluíam em Sacramento, e por isso passou a ser chamada, por exemplo, poeta das diásporas.

**2** Comício contra a Carestia, em 1913, no Rio de Janeiro, que teria reunido mais de dez mil pessoas, segundo a imprensa. Esse movimento se espalharia por várias cidades do país, no Movimento contra a Carestia; Atos contra o Desemprego e a Carestia, no Rio e em São Paulo, em 1914. Movimento de Comitês de Combate à Fome no Rio de Janeiro, em 1918. (BOMFIM, 2000).

Com fome e contra a fome, ela escreveu. Embora com necessidade concreta de saciar a sua fome e a de seus filhos, Carolina abordou diversos temas que estão além da desigualdade social, tais como o racismo, sobre o que é ser mulher, sobre o amor e sobre solidão. Carolina Maria Jesus teve formação escolar breve, cursou apenas dois anos no colégio espírita Allan Kardec em Sacramento, em Minas Gerais, foi lá pela primeira vez que a chamaram de Carolina, pois seu ambiente íntimo familiar todos a chamavam de Bitita.

Bitita contrariou todas as estatísticas de uma menina da sua origem social e étnica, produziu uma literatura que a consagrou como uma das maiores escritoras brasileiras, embora no Brasil, isso ainda não seja reconhecido com seu valor merecido. Num país onde a educação é a marca de privilégio, Carolina Maria de Jesus desafiou todas as condições sociais que lhe foram impostas, suas obras foram traduzidas para mais de 16 idiomas que estão presentes em mais de 40 países. A grandeza da obra de Carolina supera as análises dos especialistas que a chamam de escritora da ausência e da carência material, trata-se de uma obra que está em constante descoberta, e dada a sua capacidade narrativa, parece ser infinda.[3]

Na década de 1930, em busca de uma vida melhor Carolina deixou Sacramento e migrou com a sua mãe rumo a São Paulo. Lá moravam os sonhos de muitos homens e mulheres, oriundos (as) de muitos estados brasileiros, que não tinham o pão para alimentar seus filhos. Em São Paulo, trabalhou como lavradora em uma fazenda, no município de Franca. Sete anos depois, com o falecimento da sua mãe, Carolina se mudou para a capital do estado, e em 1948 passou a morar na favela do Canindé, na Zona Norte de São Paulo, uma das muitas favelas localizadas à margem do Rio Tietê.

**3** Para mais informações sobre a vida e a analise das obras de Carolina Maria de Jesus Cf. https://www.geledes.org.br/tag/carolina-maria-de-jesus/



Na capital, ela trabalhou como faxineira de hotel e empregada doméstica e antes de publicar seu primeiro livro, em 1960, trabalhava como catadora de papel. Carolina morou também no Rio de Janeiro, possivelmente entre 1940 e 1942, onde trabalhou como cozinheira. Desde criança, destacava-se pela sua inteligência, era extremamente curiosa e quando aprendeu a ler tornou-se uma leitora compulsiva. Usava seus horários de folga durante o seu trabalho como doméstica, para ler nas bibliotecas dos seus patrões, já que sua vida só lhe permitia os livros encontrados no lixo.

## II) As misérias sociais experimentadas por Carolina de Jesus não minaram a sua alma.

A obra que fez Carolina ficar conhecida se chama Quarto de Despejo: diário de um favelada, tratava-se de um diário no qual ela contava como era sua vida e a vida daqueles com quem ela morava na favela do Canindé. Diferentes de muitos que tinha como ofício a literatura, Carolina foi narradora e personagem de uma vida de muitas mazelas sociais.

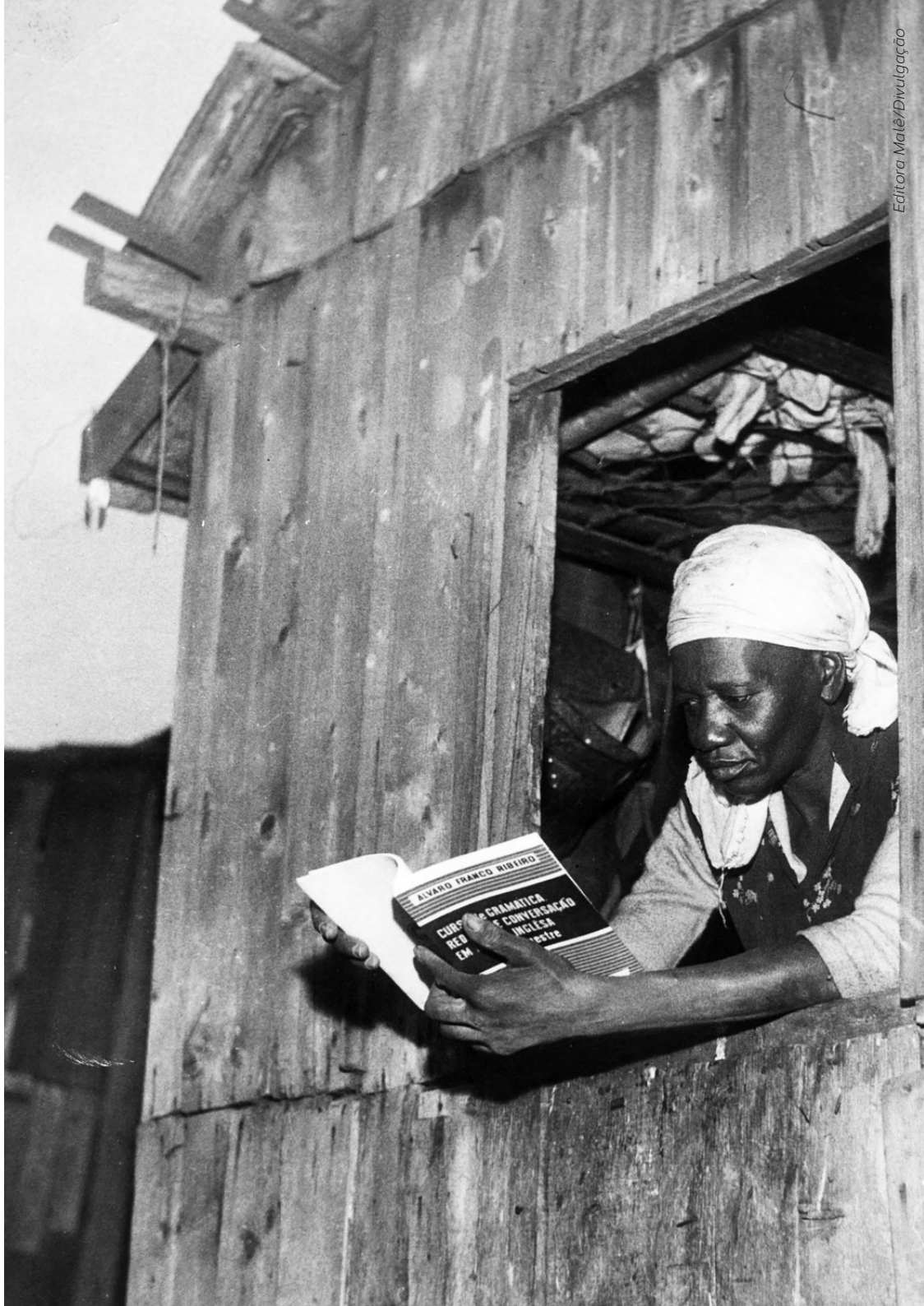
No final da década de 1950, ela chamou atenção do jornalista Audálio Dantas, o qual mediou à aproximação da mídia com a escritora. O papel desse jornalista na sua vida não foi ocasional, a perspectiva política e a compreensão de mundo progressista de Audálio Dantas permitiram esse diálogo com Carolina. Quando se conheceram Audálio Dantas trabalhava numa revista de grande expressão, O Cruzeiro, e estava no Canindé com o objetivo de fazer uma matéria sobre a favela e suas questões.

Ele contou que intencionalmente Carolina chamou a atenção dele ao entrar numa discussão com jovens e adultos que usavam o recém instalado Play Graund, na favela, no momento da sua visita. Ela gritou ameaçando-os de colocá-los no livro que ela estava fazendo, caso eles não liberas-

sem o espaço para as crianças brincarem. Audálio quando foi satisfazer a sua curiosidade encontrou milhares de páginas escritas por Carolina. Assim, ele compreendeu que sua única tarefa seria fazer com que fossem publicados aqueles escritos. Um diário com ricos detalhes e de profunda qualidade estética, nele Carolina relatava sobre o dia a dia na favela. Ele editou seus escritos, na forma de livro foi lançado pela livraria Francisco Alves com o título Quarto de despejo: diário de uma favelada, naquele ano de 1960. O sucesso do foi estrondoso, vendeu 10 mil cópias em cerca de uma semana.[4]

O sucesso da obra de estreia projetou Carolina Maria de Jesus para o cenário mundial. Na sua breve "inserção" no círculo literário brasileiro da época, racista, elitista, branco e masculinista[5], por excelência, a autora recebeu em 1960, uma homenagem da Academia Paulista de Letras e da Academia de Letras da Faculdade de Direito da USP, fez inúmeras viagens pelo Brasil e pela América Latina para divulgar *Quarto de despejo*.

Com esse livro, ela diz ao mundo a cor da fome e a cor da maioria dos famintos: "Eu sou negra a fome é amarela e dói muito.", escreveu Carolina. Sua escrita apresentou um Brasil que sempre foi renegado silenciado e esquecido pelas elites que aqui se construíram. Sem adocicar a realidade, a literatura de Carolina tira, ainda hoje, o sossego de quem, segundo ela mesma, são os inventores da fome, isto é, "aqueles que comem".




Editora Malê/Divulgação

**4** A cronologia pode ser conferida em: Tempo Cultural Delfos. <http://www.elfikurten.com.br/2014/05/carolina-maria-de-jesus.html>. Acesso em Fevereiro de 2019.

**5** Reflexões sobre o a condição de mulher negra e a literatura no Brasil, podem ser encontradas em DALCOL, Mônica Saldanha. As vozes das excluídas: a condição da mulher afrodescendente na literatura brasileira em Úrsula, Casa de Alvenaria e um Defeito de Cor. Tese apresentada para qualificação ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração – Estudos Literários) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras. Santa Maria, RS, 2017.

*"Quem inventou a fome são os que comem, a noite está tépida, o céu já está salpicado de estrela. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido". (JESUS, 1960)*

A ousadia e genialidade Carolina Maria de Jesus revelaram as contradições agudas dentro do projeto desenvolvimentista do governo Juscelino Kubitschek (1956-1961), mostrando a outra face do brasil da Bossa Nova que tinha como meta crescer meio século em 5 anos. Carolina denuncia narrando sua própria vida o lugar que o povo negro e moradores da periferia tinha nesse projeto. O desenvolvimentismo racista e higienista que limpava o centro das grandes cidades, como foi o caso de São Paulo, despejavam no Canindé os empecilhos do progresso.

Em Canindé ela teve seus três filhos: o primeiro deles, João, nasceu em 1948 depois do relacionamento com um marinheiro português. Dois anos depois, nasceu seu segundo filho, José Carlos, filho de um namorado espanhol. A caçula, Vera Eunice, nasceu em 1953, após um relacionamento com um dono de fábrica e comerciante. No Quarto de despejo, ela escreveu a saga diária para alimentar seus três filhos que ela escolheu criar sozinha.

> "Fui no rio lavar as roupas e encontrei D. Mariana. Uma mulher agradavel e decente. Tem 9 filhos e um lar modelo. Ela e o espôso tratam-se com iducação. Visam apenas viver em paz. E criar filhos. Ela tambem ia lavar roupas. Ela disse-me que o Binidito da D. Geralda todos os dias ia prêso. Que a Radio Patrulha cançou de vir buscá-lo. Arranjou serviço para êle na cadêia. Achei graça. Dei risada!... Estendi as roupas rapidamente e fui catar papel. Que suplicio catar papel atualmente! Tenho que levar a minha filha Vera Eunice. Ela está com dois anos, e não gosta de ficar em casa. Eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o pêso do saco na cabeça e suporto o pêso da Vera Eunice nos braços. Tem hora que revolto-me. Depois domino-me. Ela não tem culpa de estar no mundo. Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Êles não tem ninguem no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar. (JESUS, 1960)

Carolina de Jesus entendia o casamento como algo muito ruim. Primeiro, conforme conta, ela, solteira estaria livre de apanhar, dos maridos como suas vizinhas. Segundo, compreendia que sua relação com a escrita não permitiria dividir a vida de maneira cotidiana com um marido. Sua filha, Vera Eunice, conta que ela acordava no meio da noite, e a luz de velas apoiadas sobre os pés da filha, escrevia. Ou às vezes, no meio da rua, parava e dizia "me veio uma ideia tenho que escrevê-la agora."[6]

> Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela. (JESUS, 1960)

Carolina de Jesus escreveu um livro que é a representação de si mesma. Era uma mulher negra e pobre que se recusava a fazer parte de um quarto de despejo colocado para essa população e tampouco aceitava o lugar destinado às mulheres pela estrutura patriarcal.

**6** Eunice conta isso no programa de P. Bial. Conversa com Bial - Programa de segunda-feira, 16/07/2018, na íntegra. Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/6876233/. Acesso em Outubro de 2019.

## III) O Quarto de despejo: escritora acidental ou escritora da Verdade?

A escrita de Carolina causou muito impacto à época da publicação de *Quarto de Despejo*.

> "Quando estou na cidade tenho a impressão de está na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludo, almofadas de cetim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso digno de estar num quarto de despejo" (JESUS, 1960)

Nesse quarto de despejo das capitais, metáfora que deu título ao livro, foi descrito por Carolina, como era um lugar onde as pessoas, sem ter as suas necessidades mais básicas atendidas, enveredam-se por um caminho de violências e barbárie, o lugar do abuso, do alcoolismo, de inúmeras doenças e da fome.

Ainda que o livro tenha sido um grande sucesso é importante ressaltar que Carolina foi compreendida pela intelectualidade formas distintas, alguns poetas es escritores renomados a elogiaram e reconheceram o valor da sua literatura. Jorge Amado, Manuel Bandeira e Clarice Lispector. Segundo sua filha Vera Eunice: "Quando minha mãe foi apresentada a Clarice, ela ficou meio intimidada e comentou: 'Nossa, você é uma escritora. Quem sou eu perto de você?'. E a Clarice respondeu: 'Posso ser uma grande escritora, mas você é a única que conta a realidade".[7]

Muitos críticos trataram sua obra de grande sucesso como acidental e a recebiam como algo exótico. Outros tantos, simplesmente a ignorara, como por exemplo, nem sequer apareceram no lançamento do seu livro. E chegaram a dizer que tinham dúvidas se ela realmente poderia ter escrito aquele livro. Isso não era uma novidade na vida de Carolina que há muito tempo lidava com o fato de as pessoas estranharem sua inteligência. Desde a curiosa e esperta Bitita até a catadora que chocava muita gente pelo modo como se portava pelas coisas que dizia totalmente em desacordo socialmente esperado pela mentalidade racista e classista que desde muito tempo está presente no nosso país.

Carolina Maria de Jesus tinha consciência política da sua condição no mundo, estava atenta aos problemas políticos do país os quais seus vizinhos e ela sentiam na pele, sabia que era os responsáveis pela miséria, pela falta de acesso à saúde à educação ao saneamento básico. Seu olhar aguçado para os problemas sociais fazia-a emitir declarações defendendo a necessidade da Reforma Agrária e elogios à Revolução Cubana, de 1959. Ainda que, como sabemos, ela não teve uma formação política sistemática. Carolina fez da sua escrita sua militância e sua salvação. "Se o custo de vida continuar subindo até 1960 vamos ter revolução!" (JESUS, 1960).

Escreveu denunciando a relação utilitarista que os políticos mantinham com os moradores da favela do Canindé. Segundo Carolina o país deveria ser governado por alguém que já passou fome. Ela entendia a fome como uma escravidão, como a escravidão dos tempos modernos.

A poeta e escritora Marica Conceição Evaristo de Brito disse: "nós liamos como personagem como personagem do livro. A fome de Carolina era nossa fome, a sobrevivência de Carolina era a nossa sobrevivência".

Com isso, podemos ver a importância da obra de Carolina, entre tantos papeis que pode cumprir, cumpre o papel de ser as vozes silenciadas. A literatura de Carolina pode ser

**7** Eunice conta isso no programa de P. Bial. Conversa com Bial - Programa de segunda-feira, 16/07/2018, na íntegra. Disponível em : https://globoplay.globo.com/v/6876233/. Acesso em Outubro de 2019.

compreendida como um testemunho, um testemunho da vida das mulheres negras e pobres, de como nossa estrutura social descarta pessoas, como objetos inúteis, como escreveu Carolina.

Dentre as muitas produções artísticas e literárias, Carolina escreveu músicas e poesias:

*Salve ela*
*Salve ela*
*Salve ela*
*A vedete da favela*

*Conhece a maria rosa?*
*Ela pense que acalma*
*Ficou muito vaidosa, saiu seu retrato no jornal*

*Salve ela*
*Salve ela*
*Salve ela*
*A vedete da favela*

*Maria conta vantagem que comprou muitos vistidu*
*Preparou sua bagagem*
*Vai lá pros Estados Unidos*

*Salve ela*
*Salve ela*
*Salve ela*
*A vedete da favela*

*Acervo/Estadão*

A escritora em dezembro de 1961, antes de embarcar para o Uruguai para lançar o livro.

## IV) Esquecida na casa de Alvenaria

Apesar do grande sucesso com sua obra Quarto de Desejo, o mercado literário e a intelectualidade brasileira não permitiram que Carolina Maria de Jesus desfrutasse desse lugar por muito tempo. Sua fama foi breve. Passado o exotismo da negra e favelada que escreveu o livro e chocou a sociedade com as misérias da favela, ela foi renegada, menosprezada e esquecida.

Realizou seu grande sonho de alimentar dignamente seus filhos. "Agora eu falo e sou ouvida. Não sou mais a negra

suja da favela" (JESUS, 1960). Contudo, sua segunda obra, em 1961, intitulada Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada, não fez sucesso. A intelectualidade brasileira não pode conviver com a genialidade de uma escritora negra, mãe solo, ex- favelada que não se constrangia em dizer o que pensava.

Carolina Maria de Jesus, mesmo tendo conquistado dinheiro fama não abriu mão de criticar o universo ao qual ela pertencia, no seu segundo livro publicado ela tecia críticas a classe média paulistana. Para além disso, recebiam centenas de pessoas na sua casa que recorriam a ela em busca de ajuda e incomodava profundamente sua vizinhança. Carolina incomodava por ser uma mulher negra que se atrevia a ser o que desejava, por ter sido uma escritora genial, por ser generosa e por não ter medo de dizer o que pensava.

Era conhecida pela forma com se posicionava e a mídia racista não lhe dava trégua, chamava-a de língua de fogo[8], arrogante e briguenta. Na sua nova condição econômica, Carolina manteve a audácia de escancarar as contradições que ela continuava experimentar no âmbito pessoal, mas sem desviar o seu olhar das contradições sociais. Ela fez críticas contundentes do meio social do qual passou a frequentar, e do seu próprio sucesso no círculo de classe média alta que ela passou a frequentar. Antes de cair no esquecimento, Carolina passou a ser um incomodo. No lugar onde passou a viver não era bem quista, a sua crítica, tampouco foi bem recebida.

**8 Cf.** https://www.historiadaditadura.com.br/destaque/carolina-maria-de-jesus-e-a-ditadura-do-silenciamento/. Acesso em novembro de 2019.



Da mesma forma que quando morava no Canindé surpreendia com a sua sabedoria. Causou espanto na intelectualidade com seu brilhantismo não era isso que se esperava de uma pobre e favelada, a escritora negra tinha passado dos limites aceitáveis.

"Ela escreveu um livro ['Casa de Alvenaria'] sobre a hipocrisia social que ela não conhecia. O livro tem muito do deboche da Carolina. Essa reação refletiu no livro. Ele foi rejeitado, vendeu 10 mil exemplares em três anos", analisou Tom. "Foi um fracasso. Isso deixou ela amargurada", afirmou o jornalista.

Com o golpe civil- militar de 1964, foi um elemento social a mais para renegar a literatura de Carolina e deixa-la silenciada por muitos anos.

A questão de raça e classe estiveram sempre presentes nos escritos de Carolina. Conceição Evaristo afirma que durante os anos que Carolina viveu a afirmação negra era muito mais dolorosa do que uma afirmação de elogio. A assunção do negro em Carolina, diz Evaristo, ela fez de acordo com que a época permitia. Ao contar isso Conceição Evaristo relembra um trecho do Quarto de despejo no qual está escrito que uma menina de 6 anos diz a Carolina: "tá escrevendo o que nega fedida?" e a mãe via e não repreendia.

Nessa mesma obra, Carolina escreve: "Eu adoro minha pele negra meu cabelo rústico (...) se é que existe reencarnação, eu quero voltar sempre preta." Trata-se de uma conquista ainda em processo do povo negro ter as condições de afirmar-se como bonitos, ter segundo Evaristo uma afirmação identitárias, um prazer de mostrar o corpo e o cabelo.

O primeiro a escrever uma biografia foi o jornalista e escritor Tom Farias. Ele afirmou que as indagações sociais dela, a atualidade da sua obra fez com que se criasse uma necessi-

Foto: Audálio Dantas

dade que pulsando nele o motivou a escrever. Seus muitos biógrafos estudiosos (as) contam que por se recusar o papel socialmente determinado as mulheres negras brasileiras, Carolina Maria de Jesus tinha fama de indisciplinada, metida e agressiva. Que se negava receber conselhos e não deixa que ninguém falasse por ela. Afirmava seu lugar e suas escolhas pessoais e na sua literatura, o que resultou nessa sociedade patriarcal, autoritária e racista, seu silenciamento por muito tempo. Morreu, em fevereiro de 1977, em Palheireiros- SP, sem ter visto todas as suas obras serem publicadas.

**Com a palavra, a poeta Carolina Maria de Jesus:**

*Poeta, em que medita?*
*Por que vives triste assim?*
*É que eu a acho bonita*
*E você não gosta de mim.*
*Poeta, tua alma é nobre*
*És triste, o que o desgosta?*
*Amo-a. Mas sou tão pobre*
*E dos pobres ninguém gosta.*

*Poeta, fita o espaço*
*E deixa de meditar.*
*É que... eu quero um abraço*
*E você persiste em negar.*
*Poeta, está triste eu vejo*
*Por que cisma tanto assim?*
*Queria apenas um beijo*
*Não deu, não gosta de mim.*
*Poeta!*
*Não queixas suas aflições*
*Aos que vivem em ricas vivendas*
*Não lhe darão atenções*
*Sofrimentos, para eles, são lendas.*

## V) Renasce Carolina: a força do seu legado

Ao conhecer a vida e a escrita de Carolina nos é imposta uma pergunta: quantas Carolinas ainda existem? Essa pergunta foi debatida por muitos que estudaram e que interpretaram Carolina. E essa é a pergunta que mantém Carolina viva, a despeito da sua genialidade como escritora, quantas Carolinas existem? É a certeza da resposta a essa pergunta que revive Carolina. Quantos sonhos e talentos são historicamente soterrados na miséria?

A sociedade patriarcal capitalista e racista é um grande monturo de sonhos, mas com a literatura de Carolina esse monturo pôde ser revirado e muitos desses sonhos levados podem ser reanimados por uma classe que não perde o pé e resiste. Não somente seu valor estético, mas a potencialidade da sua escrita falar de hoje, de ontem e de futuro. Tudo isso fez com que Carolina recebesse homenagem em vida, e muito resgatada, relembrada e homenageada após sua morte. Produção de documentários, teatros, levar o nome nas escolas seu nome como por exemplo, uma escola que mais recebe migrantes no estado de São Paulo e da da recém apropriação da Carolina pelos muitos militantes do movimento negro como símbolo de denúncia e resistência.

Das homenagens nas universidades, nos pequenos círculos daqueles que de fato que confrontar uma ideia de nação que soterra a memória de quem a construiu e de quem a constrói cotidianamente. Nos espetáculos artísticos dos movimentos sociais que se desafia a ser a expressão das necessidades do seu povo de uma forma completa, olhando sua origem étnica e o seu valor enquanto construtores do ontem e do amanhã. A língua de fogo da sua literatura queima o véu que busca encobrir a condição de um povo na sociedade brasileira. Contrapondo seus críticos e a mídia impiedosamente racista, Carolina foi reconhecida e recebeu muitas homenagens, atuando como artista.[9]

Sua produção não foi acidental, nem casual como muitos pretenderam acreditar. Carolina escreveu durantes todos esses anos com intencionalidade. Ela sabia que através da sua escrita sairia da miséria e denunciaria essas mesmas miséria. Isso porque desde a sua infância, contra todas as adversidades que lhes fora imposta, Carolina lia todos os grandes autores da literatura brasileira e mundial. Antes da publicação do seu primeiro livro há duas décadas Carolina já tinha escrito muitas poesias, peças de teatro, contos e romances. Sempre sonhando com a oportunidade para poder publicá-los. Carolina, décadas após a sua morte foi alvo e interesse de muitos estudiosos no Brasil.

Reprodução

**9** Alguns Filmes: Favela – Das Leben in Armut (Favela: a vida na pobreza), da diretora alemã Christa Gottmann-Elter ( 1971); O Papel e o Mar: filme de Luiz Antônio(2010; Vidas de Carolina, de Jéssica Queiroz (2015).

## VI) Pequena Cronologia[10]

**1958** Primeiro contato do jornalista Audálio Dantas com Carolina Maria de Jesus.

**1960** Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada.

**1961** Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada.

**1963** Pedaços da Fome.

**1965** Provérbios.

**1972** Anuncia que escreve O Brasil para os Brasileiros, o que é ridicularizado pela imprensa. Posteriormente, em1982, parte desse material é editada como Diário de Bitita.

**1977** 13 de fevereiro - morte de Carolina Maria de Jesus.

**2004** A Coordenação da Mulher da Cidade de São Paulo lançou o Calendário "Mulheres que estão no mapa", homenageando Carolina Maria de Jesus.

**2004** É inaugurada uma rua com o nome Carolina Maria de Jesus, no bairro de Sapopemba.

**2005** Inaugurou-se, em São Paulo a Biblioteca Carolina Maria de Jesus.

**2014** Centenário de Carolina Maria De Jesus. Nesse momento, percebemos uma retomada do legado de Carolina Maria de Jesus, com homenagens nas Universidades, Casas de Governo, Escolas, projetos culturais, artísticos, etc. Nota-se também, maior referência a seu legado no âmbito dos movimentos sociais.

**10** Cronologia mais detalhada, disponível em:http://www.elfikurten.com.br/2014/05/carolina-maria-de-jesus.html. Acesso em Dez de 2019.



## VII) Os passos de Carolina vêm de muito longe

### *Vozes-mulheres*

*A voz de minha bisavó*
*ecoou criança*
*nos porões do navio.*
*ecoou lamentos*
*de uma infância perdida.*
*A voz de minha avó*
*ecoou obediência*
*aos brancos-donos de tudo.*
*A voz de minha mãe*
*ecoou baixinho revolta*
*no fundo das cozinhas alheias*
*debaixo das trouxas*
*roupagens sujas dos brancos*
*pelo caminho empoeirado*
*rumo à favela.*
*A minha voz ainda*
*ecoa versos perplexos*
*com rimas de sangue*
*e*
*fome.*
*A voz de minha filha*
*recolhe todas as nossas vozes*
*recolhe em si*
*as vozes mudas caladas*
*engasgadas nas gargantas.*
*A voz de minha filha*
*recolhe em si*
*a fala e o ato.*
*O ontem – o hoje – o agora.*
*Na voz de minha filha*
*se fará ouvir a ressonância*
*o eco da vida-liberdade.*[11]

**11** Conceição Evaristo, no livro "Poemas da recordação e outros movimentos". Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

As mulheres negras com sua luta e resistência nos ensinaram que quando "Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela"[12] Quando Carolina de Jesus se afirmou, afirmaram com ela todas as mulheres negras as quais tudo lhes foi negado na secular travessia, dos tumbeiros às favelas.

A escrita, dádiva que nossa sociedade patriarcal e racista agracia apenas os homens brancos e filhos dos barões foi uma arma na mão de Carolina. E ela sabia do poder das palavras. Com sua obra, Carolina confronta o lugar patriarcado quer destinar a mulher. Ao pensar sobre sua realidade e contá-la para o mundo, Carolina pôs à nu a condição de miséria na qual vivia grande parte do povo brasileiro à época. Carolina Maria de Jesus ao escrever, botou o grito na boca de todas mulheres faveladas, negras e famintas, colocou em cena as invisíveis e as esquecidas. Ao passo, constrangiam os "grandes", os arquitetos da fome e das injustiças.

O "diário de uma favelada" fez tremer os poderes que desde a colonização tentam violentamente calar a voz daqueles que socialmente estão subjugados. E por isso, a mídia, a intelectualidade da época não quis reconhecer essa grandeza, ao contrário, tentou a mordaça através de pesadas críticas seguidas de isolamento, condição que não perdurar. A força de Carolina vem da sua condição, das maiorias do mundo e de um país como o Brasil. Carolina de Jesus com sua escrita irrompe, incomoda, sempre quando algum esquecido recorre a ela para alçar sua voz.

Com sua literatura Carolina "escova a história a contrapelo, isto é, mostra o ponto de vista dos vencidos, como diria o filósofo alemão Walter Benjamin. Eis a potência de um poeta negra e periférica que se atreveu-se a escrever. Carolina, depois de anos esquecida é hoje símbolo de resistência e inspiração. Encontrou na escrita um jeito de desaguar suas angústias e um jeito de existir. Está na obra de Carolina o saber ancestral, na rebeldia cozida, mascada, coada no dia a dia de cada mulher negra, rebeldia desenhada na pele e nos olhos que nunca adormecem.

**12** Ângela Davis.

# I Encontro Nacional das Mulheres Sem Terra

*"Mulheres em Luta, Semeando Resistência!"*